

1ª Jornada M. Conf.

Recebido
enclosure

45º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA ESCOLA CARLOS CHAGAS - U.F.M.G.

BELO HORIZONTE - SOLENIDADE COMEMORATIVA - 22 de Junho de 1978

Diz a voz do povo que o homem põe e Deus dispõe.

Há três dias previa outras atividades em nossa Universidade e hoje aqui estou atendendo o chamado da digna Diretora desta Escola ao qual, não poderei me furtar como Diretora da Escola Ana Néri - irmã de sangue e de coração - unidas que somos pelo ideal profissional e pelos laços da fundadora Lais Netto dos Reys.

Difícil dizer da felicidade que me proporcionou o convite. Iniciei meus primeiros passos na enfermagem pela mão segura e forte de uma ex-aluna da Escola Carlos Chagas: Maria Nasser. Guardo de sua presença na Escola Ana Néri a lembrança de suavidade e discrição que encobriam a olhos menos atentos a fortaleza, a determinação, a eficiência, a dedicação e o altruísmo no cumprimento de suas responsabilidades como enfermeira e mestra. Amiga nos momentos alegres ou difíceis, ultrapassava suas horas de serviço em benefício de alunos e funcionários, se preciso fosse e quantas vezes o fez. Para mim ela representou o paradigma da enfermeira que se formou e se forma nesta Instituição.

A Escola de Enfermagem Carlos Chagas, criada pelo decreto estadual nº 10.952 de 7 de junho de 1933 completa 45 anos de lutas e de vida, situando-se na história da Enfermagem Brasileira como a 2ª a ser criada de acordo com os modernos padrões instituídos por Florence Nightingale. A distância que a separava do ano de fundação da Escola Pioneira do Rio - 1923 - 1933 - foi causa da demora de sua federalização, alcançada através da lei 1.254 de 4 de dezembro de 1950, que a incorporou à Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Pelo decreto nº 62.317 de 28 de fevereiro de 1968, a Escola Carlos Chagas passou a constituir uma Unidade do sistema profissional da Universidade.

Nos anos iniciais de sua implantação beneficiou-se a Escola da atuação da liderança de 3 ilustres figuras da maior projeção na área da Saúde no Brasil.

Seu patrono Carlos Chagas, em sua modestia de sanitarista preclaro, dotado de extraordinária visão das necessidades de saúde do país e das fórmulas a serem desenvolvidas para

as atenuar, dizia pouco antes de falecer, em discurso de despedida à última enfermeira americana que voltava a sua terra natal após cumprir sua missão junto à Escola Ana Néri:

"Pouco ou nada tenho de mim... para definir qualquer proficuidade, no desempenho de funções técnicas ou administrativas. Diretor de Saúde Pública, durante anos dilatados, faltam aos meus propósitos de bem servir à Nação as vantagens de um grande espírito que iluminasse, de um grande modelo que exemplificasse. Terei, por isso mesmo, muitas vezes errado, embora sempre empenhado em promover o aperfeiçoamento progressivo dos nossos serviços de Saúde Pública. Mas, de uma feita bem acertei e pude então corrigir, no êxito amplo de uma iniciativa técnico-administrativa, uma das maiores lacunas de nossa organização sanitária! Em moldes de máxima perfeição e aproveitadas as normas de um povo cuja civilização atingiu ou mesmo exedeu à própria expectativa, aproveitadas as normas e a experiência dos Estados Unidos da América instituí no Brasil os serviços de visitadoras de Saúde Pública e, para atendê-lo, organizei o ensino profissional de Enfermagem".

"Raras têm sido entre nós, em quaisquer domínios das atividades nacionais, iniciativas de resultados que fazem jus tão rápidos, de vantagens tão assinaladas para a perfeição do método profilático e para a assistência qual foi essa em boa hora patrocinada pelo Sr. Epitácio Pessoa, então presidente da República".

Carlos Chagas esteve presente à fundação desta Escola, quando viu assumir a direção da mesma sua fundadora Lais Netto dos Reys 2ª figura exponencial nesta Instituição de Ensino. Graduada na turma pioneira da Escola Ana Néri, após dez anos de feliz casamento viu falecer seu esposo e então jurou dedicar todas as suas energias ao tratamento dos doentes, como forma de agradecer a Deus a felicidade que dele já recebera. Suas atividades na assistência da Saúde, no ensino da Enfermagem e na projeção da Enfermeira como profissional na sociedade brasileira marcaram as décadas de 30 a 50 em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. A influência de sua liderança se fez sentir tão profundamente em suas alunas que a chama do ideal de Servir nelas

se mantem viva até hoje.

Auxiliada por professoras enfermeiras da Escola Ana Neri, Clitemnestra Pessanha, Maria e Regina Mendes da Rocha iniciou as atividades da Escola Carlos Chagas em 2 salas cedidas pelo Hospital São Vicente onde as alunas cumpriram seus primeiros estágios. A proximidade da Faculdade de Medicina facilitava o aproveitamento dos vários laboratórios para o ensino das disciplinas básicas, assim como a colaboração de vários professores.

Já então despontava nova colaboradora desta implantação que viria a ser a 3ª diretora da Escola: Waleska Paixão. Organizando em 1935 a vida estudantil na residência das alunas, onde graças à iniciativa de Rimilda Gurgoso, fundou-se o grêmio literário o que deu muita vida à residência; Waleska Paixão - professora, autora de livros infantis, entusiasta de educação brasileira, - matriculou-se em 1936 terminando seus estudos em 1939 e a seguir assumindo a direção recebida das mãos de Clitemnestra Pessanha que acompanhou D. Laís ao Rio de Janeiro.

Apesar dessa dificuldade e da incompreensão de muitas a Escola conseguiu o apoio da Secretaria de Educação e Saúde do Estado, o que facilitou a várias professoras o acesso à nova profissão.

Permanecendo até 1948 na direção, Waleska Paixão atuou de forma muito marcante nos destinos da Escola. Sua luta tenaz para impor a presença dos novos profissionais na área do Ensino e da Saúde no Estado representa um marco na história da Enfermagem. Dotada de extraordinário nível intelectual com uma visão aberta dos problemas e do futuro da profissão procurou aperfeiçoar-se através estudos em Nova York em 1943 e 1944 trazendo novos conhecimentos para a área e deixando para as diretoras que se seguiram o exemplo de persistência, de responsabilidade e de amor à profissão.

A Escola cresceu nestes 45 anos e tem apresentado resultados positivos na sua função de liderança e de formação de profissionais. De seus 774 alunas já graduadas muitas continuam influenciando no exercício profissional e na associação da classe. A ABEn - Seção Minas Gerais por várias vezes foi sede de Congressos Nacionais de Enfermagem e através de suas associadas foi possível a organização do Conselho Regional de Enfermagem.

A liderança de Marina de Andrade Rezende - desta Seção mineira - que por 2 vezes presidiu a Associação Brasileira

de Enfermagem, a presença da ex-aluna desta Escola Celina Viégas na fundação e 1ª direção da Escola de Enfermagem de Juiz de Fora, a corajosa atuação de Izaltina Goulart à frente desta Escola e da ABEEn estadual e tantas outras professoras que dia a dia trabalham em silêncio como boas mineiras, são exemplos para as novas gerações que aqui se formam.

Ao observarmos o recente passado da Enfermagem brasileira, quando apenas 55 anos nos separam da matrícula das primeiras alunas na Escola Ana Néri, percebemos claramente a forte característica da profissão até o momento: o espírito de luta até o sacrifício em torno da institucionalização da profissão.

Uma análise crítica se faz necessária.

Considerarei-me desde logo incompetente para tão ardua tarefa nos poucos dias que me foram dados. A responsabilidade de apresentar a tão ilustres e interessados ouvintes um trabalho a altura de suas expectativas levou-me a procurar quem melhor poderia dizer e a quem propuzemos a vinda.

Na impossibilidade de me atender, a Dra. Haydée Dou rado, Professora Titular da Escola Ana Neri e líder da Enfermagem no Brasil, autorizou-me a fazer uso de seu trabalho magistral apresentado em 12 de maio deste ano em sessão solene da Congregação da Escola Ana Néri.

Passo a ler trechos do que foi exposto sob o título - "A Enfermeira e a institucionalização da Profissão e de seu novo papel profissional".

Infelizmente a extensão do trabalho não permite sua leitura "intotum" e assim dele extraí idéias centrais.

Diz D. Haydée:

"Sociologicamente está firmada a profissão de enfermeiro. Seu complexo institucional conta com cursos de Graduação e Pós-Graduação nas estruturas universitárias, valendo-se de um corpo de conhecimentos, obtidos por pesquisa científica, técnicas e valores profissionais tudo transmitido a cada grupo anual das novas gerações; divisões e outros setores corretamente hierarquizados em órgãos de prestação de serviços; ocupações técnicas e auxiliares participantes de desempenho da assistência à saúde: as- sociação de natureza cultural responsável por conduzir, com instrumentos sociais, o progresso da enfermagem; início de vida sindical nas unidades da Federação; e por último, nessa ordem cronológica,

conta com os Conselhos Federal e Regionais de Enfermagem para disciplina e ética do exercício. Tal complexo está estabelecido por meio dos consensos sociais, expressos na norma jurídica de leis, era realidade de fatos comprovados. O simples enumerar desses seis componentes da enfermagem deve ter suscitado ricas reflexões neste auditório. Em cada um desses componentes alguns de vós poderiam discorrer com argumentos válidos, sobre nossas falhas e fraquezas.

Penetraremos nesse por assim dizer território do complexo institucional para examinar vossas possíveis reflexões. Não o faremos como aconselhou Dante em seu célebre aviso de deixar a esperança do lado de fora. Move-nos a confiança no futuro. Será justificada a esperança no futuro de nossa profissão?

Neste, por assim dizer, território podemos começar primeiramente por indagar o que fazemos e como fazemos. Vamos partir do princípio.

Em nossos dias, o historiador Arnold Toynbee utilizou a expressão costela, num paralelo do enunciado bíblico sobre a criação. Por exemplo, da cultura ibérica, uma costela veio a formar a atual cultura brasileira permanecendo viva, na Europa de então, a cultura de onde se destacou o começo da nossa. Posso prosseguir exemplificando, que houve uma costela da enfermagem norte-americana trazida para o Brasil nos anos 20 e 30 pelas enfermeiras da missão Rockefeller.

Quanto tempo teria levado para que o complexo institucional da enfermagem se completasse com os Conselhos Federal e Regionais que só se instalaram em 1975? No desenrolar da história de um grupo profissional, meio século é muito pouco tempo. Que psicologia social tem existido? As pessoas empenhadas na enfermagem brasileira estariam sabendo, nos anos 20 e 30 o "que" e "como" de seu próprio trabalho no processo do desenvolvimento da enfermagem? Desde as pioneiras de 1925, cinco grupos etários de enfermeiras, segundo o valor modal das idades das turmas, têm estado em sucessão: nascidas antes de 1910, 20, 30, 40 e 50. Que teriam

pensado e que estão pensando estes grupos sobre o "que" e "como" de sua participação na enfermagem? Dou um testemunho. Tomei parte nos componentes iniciais do nosso complexo institucional em elaboração. Não tive perspectiva para reconhecer neles sua importância e seu significado na cultura. Participei de reuniões da ABEn, nos anos 30, e da leitura do que então se escrevia, com lamentável ignorância de seu valor. (***) Algumas de nós deixaram extraviar seus números da Revista Brasileira de Enfermagem; evidenciou-se por pesquisa de 1950 (1) que um grande número de enfermeiros não registrava seu diploma no Ministério da Educação. Testemunhei uma ou outra enfermeira não dar importância a um trabalho muito custoso em que pessoas se empenharam durante anos para que todos os campos da enfermagem ficassem reunidos em uma só profissão. Refiro-me à junção da enfermagem obstétrica.

Apesar da não percepção por parte das enfermeiras, em geral, está em andamento o processo do desenvolvimento da enfermagem, isto é, seu complexo institucional estará se completando, ano a ano. Por processo entende-se mudança contínua de um objeto qualquer em direção definida. Qual teria sido o fio invisível a ligar o desenvolvimento da enfermagem, guiado para um fim definido? Essa pergunta, a meu ver, só pode ser respondida pela teologia, porque deve ter sido por um Poder Iluminador. Vejamos. Os traços diversos de um mesmo complexo institucional são desenvolvidos por grupos diferentes de pessoas, e em momentos diferentes do continuum cultural; não há, talvez, possibilidade de uma comunhão íntima das idéias contemporâneas e no entanto o complexo institucional se forma, e de modo assaz racional. Com essa observação, não quero significar que o progresso se fez à revelia das enfermeiras. É o assumir a profissão, vale dizer, o participar ético de cada uma em seu

(***) Percebi a importância das leis para a enfermagem depois que cursei a especialização; em 1942 o Chefe do Gabinete do Ministro da Educação e Cultura, e em 1943 a líder perspicaz Madre Marie Domineuc procuraram-me para eu começar a ver a Legislação de Enfermagem.

posto de trabalho, com responsabilidade, que tem levado para diante a enfermagem. Nunca será possível conhecer, para se admirar, os sofrimentos e as lutas que enfermeiras têm enfrentado, ocasionados porque existe o mal no mundo. A este respeito desejo citar pensadores e místicos que estão tentando interpretar a história. Tenho lido que é justamente o atrito entre o bem e o mal que põe os homens e mulheres a viver vidas que valem a pena e que estão forjando o progresso humano e o estabelecimento do reino do bem e da justiça.

Em resumo, nessa primeira parte das considerações gerais, fez-se referência aos contínuum cultural do desenvolvimento da enfermagem. O propósito foi fazer um paralelo: ao exemplo do passado em que enfermeiras não se davam conta de coisas importantes que já estavam acontecendo com o grupo profissional infere-se que hoje podemos deixar de valorizar aspectos sutis da estrutura de nosso grupo profissional que no futuro vão se delinear com mais clareza. Pode ser que as especialidades da enfermagem já se apresentem em traços ainda obscuros nos primeiros cursos de Mestrado e residências de enfermagem.

Em segundo lugar, as condições da enfermagem, por que estão indissociadas das condições da mulher na cultura brasileira, tendem a melhorar. Felícia R. Madeira e Paulo I. Singer (2), estudando o emprego nos Serviços de Consumo Coletivo, afirmam: "A evolução do emprego feminino nos Serviços de Consumo Coletivo representa, a medida, se não a única, a mais importante da integração da mulher na atividade produtiva social com todas suas consequências econômicas e sociais".

Comentam ainda: A mulher ocupada nos Serviços de Consumo Coletivo é em geral professora ou enfermeira, mas também funcionária burocrática, médica ou assistente social...

Terminando aqui a citação. Diz a Dra. Haydée: Que remos frisar o reflexo desses tempos novos na procura da enfermagem como profissão. Justamente

em 1968, pela primeira vez houve maior procura que oferta de vagas nos cursos de Graduação de Enfermagem. Dos anos de 1970 a 1972 e daí em diante, tanto tais matrículas quanto as dos cursos técnicos têm sido incremento de procura feminina.

Encontrei, quanto a candidatos ao curso de Graduação em Enfermagem, em pesquisa realizada, as seguintes porcentagens. A pesquisa foi para o Brasil no período de 10 anos, tomado 100 como número do ano inicial, 1965. É o seguinte o aumento em percentuais: Em 1968 houve 184% de candidatos; em 1970 284%; em 1972, 565% e em 1974, 1.245%."

Gostaria de chamar a atenção para o quadro representativo do aumento do número de candidatos ao vestibular com opção para Enfermagem, a partir da unificação do vestibular nas Escolas Carlos Chagas.

Em 1970 para 60 vagas apresentava-se 43 candidatos.

Em 1971 para 80 vagas, 218 candidatos; nos 2 (dois) anos seguintes os números cresceram para 269 e 435 para o mesmo número de vagas.

1974 e 1975 apresentara pequeno decréscimo - 401 e 379; porém em 1976 registrou-se o maior índice - 6,5 por vaga com 519 candidatos para as mesmas 80 vagas.

482 candidatos em 1977 e 466 em 1978 fazem prever a manutenção de um bom índice de procura para esta importante Escola mineira.

Seus atuais 82 professores e 25 funcionários administrativos formam a base e o apoio de todo o ensino ministrado, aos 250 alunos no 1º ciclo profissional e aos 70 dos 2º ciclo nas habilitações de Enfermagem Médico-Cirúrgica e Enfermagem de Saúde Pública.

Voltemos ao que nos diz Dra. Haydée:

" A terceira consideração geral é a que diz respeito aos avanços da ciência e tecnologia, incluídos o planejamento e a administração públicos. O ano de 1975 trouxe-nos a entrada em ação do Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura para encaminhar à resolução o problema da escassez de enfermeiros. Obteve em março desse ano de 1977 de peritos de nomeada o Diagnóstico dos Cursos de Enfermagem; a seguir atraiu a

cooperação da Escola de Enfermagem Ana Néri para a implementação de projetos calcados naquele Diagnóstico. As Universidades do País estão passando por reformas para que sua produção se ajuste às necessidades de profissionais, à pesquisa e à liderança social.

Os grandes Hospitais Universitários têm que funcionar sobre princípios de administração; se não o fizerem, os atritos e desajustes serão insuportáveis aos seres humanos envolvidos. Florence Nightingale teve mais lutas neste particular, do que com a profissão de enfermeira, propriamente, porém sua vida teve o efeito de facilitar o progresso dos hospitais por mais de meio século depois de sua contribuição. Nos dias de hoje, com o trabalho de uns interdependente da atividade de outros, é ainda maior a necessidade de grandes homens e grandes mulheres para implantação de serviços úteis às sociedades do futuro.

Novamente, recorrendo a filósofos e místicos, prevemos dificuldades crescentes e esfacelamentos de velhas estruturas para o surgimento das instituições renovadas, voltadas para a paz e a justiça que beneficiem o maior número."

De acordo com a conferencista no contexto das idéias agora referidas o novo papel da enfermeira se insere na distribuição dos serviços de consumo coletivo e a seguir chama a atenção para as condições no país face a este novo papel.

Considerando o assunto "assistência primária" das mais sérias que temos de enfrentar nos próximos anos, cita alguns aspectos para a colocação do problema quais sejam: o fato de ser uma profissão nova, com enorme percentual feminino; os cursos de Graduação e Mestrado relativamente novos no Brasil; a insegurança de algumas enfermeiras, excelentes profissionais, no mundo universitário, na utilização dos princípios científicos no enunciado de uma hipótese para confirmar ou negar; as dificuldades em torno do conhecimento e domínio de outras línguas e sobretudo o pouco tempo que resta ao profissional para estudar após a longa jornada de 8 horas quando de modo geral, tem necessidade de desenvolver outras atividades no lar.

Entretanto apesar de todas as dificuldades previstas demonstra como se torna imperioso, para a continuidade do

processo de avanço da prática profissional, a utilização dos recursos disponíveis para a formação de consensos nacionais de Enfermagem tais como: a consulta de Enfermagem e a prescrição de enfermagem, os relatórios e especialistas profissionais e multi profissionais, a educação continuada, a pesquisa em Enfermagem.

O campo se apresenta aberto aos jovens profissionais. O exemplo dos mais antigos aí está para nortear e ajudar nos momentos mais crueis. Nada tem sido fácil para muitos, porém nunca faltou o que desejamos também não esteja ausente dos que continuam a luta: desejo de Servir, Servir para Elevar.

Este era um lema de Lais Netto dos Reis, fundadora desta casa. Que ele seja o vosso também.

Obrigada pela honra do convite e pela atenção que deram as minhas pobres palavras.


Cecilia Pecego Coelho

22.7.18